



Entre o Corpo e o Delírio: A Psicose em Cisne Negro

Gabriel Lima Feitosa ¹; Raul Max Lucas da Costa ²

Resumo: O presente artigo analisa a relação entre o corpo e a psicose no filme *Cisne Negro* (2010) à luz da psicanálise. O objetivo é compreender como o corpo é constituído sem as amarrações do real, simbólico e imaginário, bem como os efeitos originados pela Forclusão do Nome-do-Pai são vivenciados de forma subjetiva pela personagem. O texto adota uma postura teórica-reflexiva, embasada por obras de Freud e Lacan, articulando a análise do filme. Evidenciou-se que o corpo se mostra um veículo efetivo da imersão do real, evidenciando o comprometimento das amarrações simbólicas. O delírio, evidenciado na psicose, aparece como tentativa de estabilização frente ao real. Conclui-se que a obra cinematográfica oferece uma análise crítica da psicose, bem como compreensão acerca da constituição do corpo na estrutura psíquica.

Palavras-chave: Psicose. Forclusão. Corpo. Psicanálise e Cisne negro.

Between Body and Delirium: Psychosis in Black Swan

Abstract: This article analyzes the relationship between the body and psychosis in the film *Black Swan* (2010) through the lens of psychoanalysis. The aim is to understand how the body is constituted in the absence of the bindings of the Real, the Symbolic, and the Imaginary, as well as how the effects resulting from the foreclosure of the Name-of-the-Father are subjectively experienced by the character. The text adopts a theoretical-reflective approach grounded in the works of Freud and Lacan to structure the analysis of the film. It became evident that the body serves as an effective vehicle for the intrusion of the Real, highlighting the compromised state of symbolic bindings. Delirium, a manifestation of psychosis, emerges as an attempt at stabilization in the face of the Real. The study concludes that the film offers a critical analysis of psychosis and provides insight into the constitution of the body within the psychic structure.

Keywords: Psychosis. Foreclosure. Body. Psychoanalysis. Black Swan.

¹ Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio (Unileão), Brasil. Orcid: 0009-0001-4006-5533. gabrielpsicologia23@gmail.com.

² Graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor). Mestrado em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutorado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (Unifor), Brasil. Orcid: 0000-0001-9578-8918. raulmax@xn--leosampaio-g5a.edu.br.

Introdução

A produção cinematográfica, como meio de expressão artística, vem se mostrando ao decorrer do tempo como um campo propício para a representação do inconsciente e as suas manifestações simbólicas. O filme *Cisne Negro*, dirigido por Darren Aronofsky e lançado em 2010 narra a história de Nina, uma bailarina profissional que ao deparar-se com a busca inalcançável pela perfeição rompe com a barreira entre a realidade e delírio, passando a experimentar transformações em seu próprio corpo.

A obra mostra como o corpo é um veículo efetivo nas manifestações dos conflitos inconscientes, trazendo em destaque a dualidade enfrentada pela protagonista Nina entre a realidade e a exibição do delírio. A psicanálise dispõe de mecanismos teóricos que permitem uma interpretação detalhada e cautelosa a respeito dos fenômenos apresentados no filme.

Desde Freud, em seus primeiros escritos, a psicose é apontada como uma estrutura psíquica vivenciada de forma subjetiva pelo sujeito. Lacan, ao retomar os escritos de Freud, reformula o entendimento sobre a psicose destacando que ela é uma resposta à ausência de inscrição inconsciente do Nome-do-Pai, o que ele denominou de forclusão, produzindo uma relação específica com o corpo. Assim, na neurose a relação entre corpo e sujeito é tomada de significação, enquanto, na psicose, os fenômenos corporais vivenciados são incapazes de serem significados (Guerra, 2010).

No que tange ao corpo, a psicanálise entende como algo para além do organismo, que atravessado pela linguagem constitui o sujeito enquanto ser falante. Desse modo, essa operação simbólica implica perda, uma fragmentação do corpo tornando-o não total, organizando o sujeito a partir da ótica do desejar. O corpo então estrutura e estabelece as relações entre as formas de gozo, desejar e as relações com os significantes, permitindo também o posicionar-se no mundo (Askofaré, 2010).

Conforme ressalta Guerra (2010), importa retomar aos estudos de Lacan sobre o significante e significado para compreensão da significação que é o eixo central dessa discussão. Segundo Lacan, o significante não exerce um sentido fixo, só possuindo significado junto a outro significante. Assim, o significante permite a apresentação do sujeito a outro significante que nessa cadeia produz o sentido (Lacan, 1966, p. 272). Nesse contexto, Lacan desenvolve o inconsciente estruturado como linguagem, operando na lógica do significante. Portanto, o sujeito psicótico foracluído anteriormente o significante fundamental, o Nome-do-pai, fica sem amarras em seus significantes, perdendo a menção que sustentaria o seu sentido.

O presente artigo adota uma abordagem teórica-reflexiva, fundamentada na psicanálise à luz do filme *Cisne Negro*, produzido em 2010. Foram utilizados, como subsídio, para a produção da pesquisa, referenciais teóricos de Lacan sobre o corpo e gozo articulado com a leitura do filme, em específico a representação da personagem Nina.

Dessa forma, o artigo tem o objetivo de analisar a relação entre a psicose e o corpo a partir do filme o *Cisne Negro*, articulando a teoria psicanalítica à obra cinematográfica. E como objetivos específicos, busca entender como a protagonista estabelece a sua relação com o excesso de gozo, compreender a constituição de corpo em psicanálise, e discutir sobre as possíveis formas de estabilização utilizadas pela personagem Nina no filme.

A relevância deste artigo existe na possibilidade de relacionar a psicanálise com a obra cinematográfica, permitindo associar os conceitos da teoria analítica e as manifestações da obra, localizando as descrições teóricas apresentadas com a revelação da personagem no decorrer da trama.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como um estudo teórico de abordagem qualitativa. O referencial teórico foi fundamentado na psicanálise, a partir da perspectiva freudiana e lacaniana. O procedimento para a coleta de dados foi a pesquisa documental através de uma revisão bibliográfica, realizada com base em livros e em artigos científicos, selecionados em bases de dados como Google acadêmico, SciELO e PePSIC. As categorias de análise para a pesquisa nos portais acadêmicos foram: psicose, forclusão, psicanálise, corpo e cinema. Foram utilizados artigos e livros que discutem os objetivos neste artigo, bem como articulando os conceitos da temática proposta. Como recorte temporal, foram priorizados artigos produzidos entre 2006 e 2026.

Como critério de inclusão foram considerados aqueles artigos que abordassem diretamente a constituição do corpo em psicanálise, a psicose e relação entre psicanálise e cinema, bem como as demais temáticas discutidas e alinhadas com o filme *Cisne Negro*. Para a exclusão dos artigos, o parâmetro utilizado foi a filtragem de textos que não continham informações fundamentais exigidas pela psicanálise e não dialogam com o objetivo proposto. Os materiais selecionados foram submetidos a uma análise crítica, com o objetivo de articular os conceitos teóricos da psicanálise e a interpretação do objeto cinematográfico.

Psicanálise e Cinema

A arte, em específico o cinema, é um mecanismo fundamental no que tange aos aspectos representativos. Esse meio de fazer cultura, utiliza de enredos que descrevem e vitalizam aspectos subjetivos possuindo, em grande parte, relações diretas com a psicanálise.

O pai da ciência analítica, apresentava uma certa antipatia nas questões artísticas modernas, descrevendo que alguns artistas da época não deveriam considerar que os seus feitos eram obras artísticas. Vale ressaltar que o pensamento de Freud gira em torno de como os seus escritos deveriam utilizar das obras para que pudessem obter sentido. Freud buscava interpretar a cultura conforme os aspectos desenvolvidos dentro da sua teoria, destacando a arte como a forma mais legítima de sublimação (Rivera, 2005, p. 8).

A relação direta entre a arte fílmica e a psicanálise não se estabelece sem uma base concreta que a sustente. O cerne principal dessa relação é o núcleo comum entre as duas ciências, a significação (Stam, 2003, p. 184-185 *apud* Lemos, 2020). Enquanto a psicanálise busca pelo significado de conteúdos inconscientes que não são acessados de forma direta pelo sujeito, o cinema reproduz essa significação por meio da filmagem, que exige a retirada do conteúdo escrito e a elaboração de rodadas de gravações.

Ao decorrer daquilo que é gravado e disponibilizado o acesso, questões de identificações são afloradas tanto na própria vida dos personagens como em outros pontos da narrativa. Partindo desse pressuposto, encontramos na psicanálise e no cinema uma mesma vertente, que trabalhando de forma análoga seguem o mesmo roteiro. Entendendo os sonhos como um mecanismo de acesso ao conteúdo inconsciente que através das imagens encontra forma de representação, no cinema a retirada dos escritos e a incorporação nas filmagens seguem a mesma lógica despertando representações (Catharin; Bocchi; Campos, 2017).

Com isso, é justamente no processo de representação e identificação que a psicanálise busca atribuir sentido. Analisar os objetivos que a arte fílmica busca trazer com os enredos, personagens e envolvimento na trama é um ponto importante, mas a cautela é necessária para que a tradução do sentido não seja realizada de forma errônea. Conforme ressalta Rivera (2005, p.20), a análise cautelosa sobre os meios artísticos dificulta o olhar enviesado que favorece uma investigação crítica de si próprio. Nessa vertente a ausência de base concreta para a uma interpretação fiel reverbera em uma análise pessoal sobre os meios artísticos, que não serão discutidos os aspectos importantes e que merecem um olhar analítico, mas sim uma visão guiada por frustrações e fantasias pessoais.

Em resumo, a articulação entre psicanálise e cinema é um método que permite analisar os conceitos formulados pela teoria e a exibição através do contexto artístico, destacando a importância de compreender aquilo que é apresentado, bem como a cautela no que tange ao processo de interpretação dos fenômenos trazidos pelas obras.

A Constituição do Corpo em Psicanálise

Em psicanálise, especialmente nos escritos de Lacan, o corpo não é entendido como meramente orgânico, mas sim como um efeito da imersão do sujeito no campo da linguagem. A entrada no campo simbólico oferece ao sujeito uma superfície de inscrição, permitindo assim que os modos, como o sujeito se relaciona consigo mesmo e com os outros sejam organizados, atravessado pelas representações significantes (Amparo; Magalhães; Chatelard, 2013). Desse modo, é importante aprofundar-se em como essa inscrição simbólica participa na constituição do corpo, bem como no modo pelo qual o sujeito é inserido no campo do Outro.

Ainda nos escritos de Freud, as discussões sobre o corpo, enquanto sua constituição, já estavam presentes. Diferentes teorias buscam explicar sobre a sua origem e as características que o compõem, destacando o seu estatuto pulsional, a dimensão imaginária e as questões narcísicas primárias (Winograd; Mendes, 2009).

A linguagem exerce um papel importante na passagem dos modos primários de organização psíquica até a subjetivação por completo. Em Freud, entende-se que o narcisismo consolida uma relação do sujeito com a sua imagem, evidenciando o investimento libidinal no próprio Eu. Lacan, ao reformular esse pensamento, enfatiza que a percepção do corpo é a partir de uma ótica do Outro, operacionalizada no simbólico a partir do Estádio do espelho (Checchinato et. al, 1988 *apud* Amparo; Magalhães; Chatelard, 2013).

Partindo desse pressuposto, o Estádio do espelho é um momento fundamental em que o sujeito, de forma precipitada, tenta consolidar uma imagem unificada sobre o seu corpo de acordo com a imagem do Outro, deixando de ser um ser fragmentado e passando a organizar-se com um corpo coeso. Ainda que a superação do momento do espelho desencadeia a percepção de um corpo unitário, a imersão no campo da linguagem é que possibilita de fato a consolidação de um corpo totalmente integrado.

A inserção da criança no campo simbólico é atravessada pela linguagem que por meio dela estabelece uma visão de ser unificado. Ainda que o corpo unificado seja evidenciado aqui, o processo de estruturação da linguagem permite uma inscrição do traço unitário, a primeira

marca deixada pelo simbólico, implicando uma fragmentação no ser constituinte. Isso marca o rompimento entre figura materna e bebê, permitindo que o desejo possa emergir e configurar-se dentro das relações (Askofaré, 2010).

Conforme ressalta Amparo, Magalhães e Chatelard (2013, p. 504):

Antes de a criança nascer, e até mesmo de ter acesso à palavra que permitirá a designação entre si mesma pelo uso do pronome Eu, ela já se encontra inserida num mundo de relações que lhe permite ter um corpo imaginariamente concebido [...]

Dessa forma, antes mesmo do próprio nascimento o sujeito já é portador de um corpo moldado por interesses do Outro, manifestado antes mesmo da sua concepção. O corpo que a ele é atribuído permite que se insira no mundo permeado pelas relações, fundado pelo desejo materno e ocupante de um lugar na dinâmica familiar. Assim, lhe é dada uma representação simbólica pelo significante, o seu nome, permitindo uma estruturação sobre a imagem do seu corpo e a constituição daquilo que o sujeito irá internalizar como seu.

Contudo, o Estádio do espelho inaugura uma percepção unitária do corpo, mas é apenas por meio da entrada no simbólico que o corpo passa a ser único, portador de significantes e mediador das relações. Assim, a representação do corpo é sempre permeada pelo Outro e constantemente reelaborada ao longo do desenvolvimento psíquico (Askofaré, 2010).

Ademais, é necessário considerar a incidência do real no corpo, entendido como aquilo que escapa à simbolização. Quando não há inscrição do Nome-do-Pai e o simbólico e imaginário são comprometidos, como na psicose, o corpo é invadido pelo gozo. Desse modo, o corpo perde a sua operação enquanto superfície simbólica e passa experienciar excessos que fogem à capacidade representativa, destacando a invasão direta do real (Souza, 2023).

A Psicose e o Corpo

Para a psicanálise, a psicose é uma estrutura que encontra no delírio uma forma de reorganizar o mundo do sujeito. Resultante de comprometimentos da não inscrição no simbólico, o sujeito psicótico tem o seu corpo invadido por manifestações impossíveis de simbolizar caracterizando o prejuízo na ordem simbólica, originado da forclusão do Nome-do-Pai. Conforme desenvolvido anteriormente, o corpo é constituído pela mediação do simbólico, já na psicose essa constituição de corpo é comprometida (Freud, 2016).

O complexo de Édipo é o divisor de águas quando se refere à diferenciação das estruturas psíquicas. É através dessa operação simbólica que a função paterna introduz a Castração, submetendo a lei nessa alienação mãe-bebê, bem como permitindo a inscrição do Nome-do-Pai no inconsciente da criança. É justamente nessa articulação que Lacan direciona o seu olhar, dissertando que a psicose se encontra não em torno da castração, mas sim da forclusão do Nome-do-Pai, a lei que limita e nomeia o sujeito (Costa, 2010).

Contudo, a não inscrição da metáfora paterna por ausência da lei estrutural, deixa o sujeito sem amarras significantes que impossibilita a ordenação de sentido. Dessa forma, se o Nome-do-Pai é aqui, na psicose, ausência estrutural, a metáfora fálica não atua na organização e estruturação do corpo do sujeito (Souza, 2023).

Partindo do pressuposto de que, na psicose, a capacidade de simbolizar se depara com uma lacuna deixada pela ausência do significante primordial, o campo imaginário por sua vez, também dispõe de um comprometimento. A falha na operação simbólica que sustenta o sentido impede que o imaginário opere de forma coesa, fragmentando a ordem das imagens e identificações (Souza, 2023). Dessa forma, o corpo perde o traço unitário, que organiza e simboliza a sua constituição. A falha nessa articulação entre o real, simbólico e imaginário por uma resposta da forclusão do Nome-do-Pai, propicia ao sujeito experimentar a invasão do real e do gozo, que por meio do delírio procura a sua estabilização.

Toda essa ausência estrutural do Nome-do-Pai, impossibilita o ser de simbolizar as suas relações com o mundo, fazendo com o que o sujeito permaneça em suas identificações imaginárias. Contudo, a falha na capacidade de simbolizar efetiva o desencadeamento psicótico em qualquer acontecimento da sua vida. Segundo Guerra (2010) quando o sujeito encontra-se sustentado apenas nas identificações imaginárias, ao vacilo dessas não ofertando mais subsídios para o apoio, o sujeito passa a não conseguir responder sobre a sua existência.

Conforme ressalta Guerra (2010, p. 32):

A irrupção da psicose, ou desencadeamento psicótico, ocorre justo quando, acidentalmente, surge uma questão sobre o seu ser, ou seja, quando o Nome-do-Pai foracluído, isto é, jamais no lugar do Outro, é ali invocado em oposição simbólica ao sujeito, numa posição terceira em uma relação que tenha por base a relação imaginária, dual e especular.

Assim, o sujeito sem nomeação de si e sustentado apenas nas identificações imaginárias frente ao significante de lei que lhe exige um lugar, não encontra na significação amparo para a sua sustentação tentando no delírio a sua organização.

Entretanto, o real invade o sujeito de modo que a lógica não possa ser acessada. O corpo aqui fragmentado sem a amarração pelo simbólico e imaginário, se mostra um terreno fértil para manifestações do gozo e transformações que fogem da compreensão do sujeito. Invadida por esse lugar irrepresentável e radical na ausência de sentido, a psicose submete o sujeito a um espaço jamais habitado pelo neurótico. O gozo em que o sujeito psicótico é imerso não é aquele cujo a função fálica limita e barra onde o neurótico encontra ainda assim o prazer, mas sim o gozo real, dotado daquilo que é impossível de possuir significado (Souza, 2023).

Com isso, o encontro com o real do corpo do outro não simbolizado, acarreta em um entendimento de um corpo mortificado, em decorrência da ausência fálica do significante que organiza o corpo pela linguagem. Contudo, essa é uma resposta do real na tentativa de suprir a lacuna deixada pela simbolização fálica, que compromete as relações e a vivência sexual do sujeito (Richa, 2006 *apud* Fingermann, 1995, p. 293).

Resultados e Discussões

Os resultados dessa escrita decorrem da análise dos conceitos psicanalíticos, especialmente lacanianos, acerca do corpo na psicose em uma leitura do filme *Cisne Negro*. Conforme ressaltado anteriormente, a psicanálise dispõe de métodos que possibilitam uma análise aprofundada dos acontecimentos ilustrados no filme, veremos de forma aprofundada mais adiante.

O filme narra a história de Nina, uma bailarina dedicada de Nova York que após a pressão do seu trabalho desencadeia acontecimentos envolvendo o seu corpo e o seu comportamento. Residindo com a sua mãe, também bailarina que necessitou abandonar a sua carreira após o nascimento da sua filha, Nina encara a superproteção da mãe e a exigência pela perfeição do seu instrutor. Em meio a esses acontecimentos a personagem se ancora no delírio, por meio das alucinações envolvendo o seu próprio corpo e as colegas de ballet, numa tentativa de abarcar os conflitos que a ela são apresentados sem uma explicação evidente.

No filme, ao Nina buscar incansavelmente pela perfeição impossível, ela experimenta transformações em seu corpo e alterações na sua percepção quanto às colegas da equipe de ballet. Passa a sofrer por alterações em seu corpo chegando a transformar-se em *Cisne Negro*

no palco durante o espetáculo final. É nessa modificação da realidade que o gozo está, encontrado na ausência de limite e, na fronteira estabelecida pela amarração do simbólico.

Em *Cisne Negro*, o corpo da personagem não é evidenciado como unitário, permitindo a invasão pelo gozo e pela iminência do real. O corpo da personagem, marcado pela ausência de fronteiras simbólicas, torna-se fértil para que o real possa emergir acarretando em excessos não simbolizados que ultrapassam o entendimento da personagem. Dessa forma, o corpo se compromete no suporte a significação e passa a dar espaço ao real, instaurando como sede ao gozo (Souza, 2023).

No filme, Nina não vivencia o seu corpo como subjetivo, havendo a necessidade de uma intervenção externa. Na cena em que Nina se masturba após a recomendação do seu instrutor, evidencia o comprometimento deixado pela ausência de inscrição no simbólico que não permite que o sexual seja organizado internamente, necessitando de ser ativado por um comando externo. O sexual aqui não é sustentado por Nina, mas aparece como algo estranho que depende do outro para que possa emergir (Richa, 2006 *apud* Fingerhann, 1995, p. 293).

A ausência de fronteiras significantes que instaura o gozo como resposta do real na psicose, permite uma fragmentação da instância imaginária. Responsável pelas identificações e pela representação da própria imagem do sujeito, o campo imaginário comprometido não encontra amarras que ordene de forma coesa a representação de si mesmo (Souza, 2023). No filme, Nina busca através do delírio uma estabilização da sua própria imagem, ao tomar como seu o espetáculo final. Transformar-se em *Cisne Negro* exalta o comprometimento da instância imaginária que apelou ao delírio uma forma estabilizar o sofrimento.

O delírio e a dança, apresentados no filme, mostram a tentativa de estabilização da personagem frente ao gozo que a invade. Vale ressaltar que o delírio não funciona aqui apenas com um simples afastamento da realidade, mas sim uma tentativa de organizar o conflito interno resultante da fragmentação das amarras fálicas que limitam e recalcam o gozo (Soler, 2002).

O desencadeamento psicótico de Nina se constrói frente a figura de autoridade de Thomas Leroy, o diretor do corpo de ballet, que lhe exige uma perfeição na dança. Ao deparar-se com a lei que antes não havia se inscrito, Nina passa a experienciar conflitos que não haviam ocorrido anteriormente. Manchas e arranhões pelo corpo, delírios persecutórios e busca excessiva pela perfeição são alguns dos acontecimentos vivenciados por ela. A personagem encontra na performance a estabilização do mundo interno, frente a falha estrutural. A dança produzida por Nina permite, mesmo que de forma precária, a amarração do gozo sustentando uma coerência momentânea entre corpo, imagem e gozo (Souza, 2023).

Dessa forma, a análise do filme *Cisne Negro* (2010) permitiu visualizar a falha na inscrição do Nome-do-Pai no simbólico, que resulta no comprometimento da instância real, simbólico e imaginário. Assim, o sujeito encontra no delírio meios que sublimam os conflitos internos e produzem uma coerência momentânea. Essa coerência produzida de forma secundária não possui base concreta para o seu sustento. Contudo, a obra oferece material que permite uma análise crítica dos acontecimentos à luz dos escritos psicanalíticos.

Em suma, a psicose dispõe de mecanismos importantes que podem ampliar a prática psicanalítica. A compreensão do corpo enquanto a sua constituição e dos comprometimentos que a psicose lhe resulta, ajuda nos métodos utilizados com esses quadros clínicos. Por fim, pode-se perceber que a psicose não se restringe apenas na demonstração do delírio, mas sim nas causas estruturais que comprometem a vida do sujeito e por consequência os laços sociais que poderiam ser estabelecidos.

Considerações Finais

O presente trabalho buscou analisar como se constitui a psicose e como o corpo se estabelece nessa estrutura. O filme, assim como os escritos utilizados com base fundamental, permitiu realizar uma análise estruturada sobre a vivência subjetiva da psicose, a constituição do corpo e a sua relação com ele na tentativa de estabilização.

O corpo na psicose é comprometido em decorrência da ausência de inscrição do Nome-do-Pai que não instaurado a lei, não encontra amarras que estabeleçam limites. A forclusão desse significante estrutural acarreta em comprometimento na função fálica, que responsável pelo traço unitário não opera de forma simbolicamente coesa e torna o corpo privilegiado da incidência do real.

O prejuízo da não inscrição da lei, impede que o sujeito possa significar acontecimentos corporais, uma vez que não há, simbolicamente, inscrição do significante primordial. No filme, a personagem oferece material que facilita a identificação dos conceitos que permitem uma discussão crítica acerca da invasão do gozo no corpo, a fragmentação da amarração entre o simbólico e o imaginário e a imersão do real que escapa à simbolização.

Obras cinematográficas vem, ao decorrer do tempo, se mostrando como operadores de leituras clínicas, que embora apresente aspectos subjetivos de forma ficcional, permitem reflexões relevantes junto a obra psicanalítica. O cinema oferta relações com o corpo e o gozo sem redução ao diagnóstico, mas possibilitando a saída do contexto clínico. Assim, o filme

Cisne Negro contribui para a expansão do olhar clínico, para as formas de estabilização da psicose e o fortalecimento da amarração entre psicanálise e cultura.

Em síntese, é de grande importância as discussões sobre como o corpo é constituído na psicose, bem como as formas subjetivas pelas quais, o sujeito busca minimizar os conflitos internos. Vale ressaltar também, que debates sobre o corpo e as formas de suas manifestações na contemporaneidade abrem vertentes para novas articulações clínicas e ampliar a compreensão sobre o sofrimento psíquico.

Referências

AMPARO, Deise Matos do; MAGALHÃES, Ana Cláudia Reis de; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Corpo: Identificações e Imagem. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 8, n. 3-4, p. 499-520, 2018. Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

ASKOFARÉ, Sidi. Do corpo ao discurso. Tradução de Luiz Fernando de Vasconcelos Moreira e Pedro Eduardo da Silva Ambra. **Revista Transformações em Psicologia**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 84-92, 2010.

CATHARIN, Verônica; BOCCHI, Josiane Cristina; CAMPOS, Érico Bruno Viana. Psicanálise e cinema: o ser humano com um ser cinematográfico. **Revista PePsic**, São Paulo, v. 40, n. 64, 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062017000200012&script=sci_arttext. Acesso em: 14 fev. 2026.

COSTA, Terezinha. **Édipo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FINGERMAN, Dominique Touchon. **A psicanálise e a criança**. São Paulo: Escuta, 1995.

FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose e perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

GUERRA, Andréa Máris Campos. **Psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1953.

LEMOES, Moisés Fernandes. **Psicanálise e cinema**: em busca de uma aproximação. Curitiba: Appar, 2020.

RICHA, Cláudia Mara Oliveira. Efeitos do encontro com o sexual na psicose: um estudo de Freud a Lacan. **Revista Psicanálise e Barraco**, v. 4, n. 1, p. 86-130, 2006. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/Psicanalise&barrocoemrevista/2006/vol4/no1/6.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2026.

RIVEIRA, Tania. **Arte e Psicanálise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SOLER, Colette. **O inconsciente a céu aberto da psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. **A psicose**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

WINOGRAND, Monah; COSTA MENDES, Larissa da. Qual corpo para a psicanálise? Breve ensaio sobre o problema do corpo na obra de Freud. **Revista Psicologia Teoria e Prática**, São Paulo, v. 11, n. 2, p.211-223, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193814393015>. Acesso em: 09 jan. 2026.

●

Recebido: 01/04/2026; Aceito: 28/06/2026; Publicado: 31/07/2026.